



CONSELHEIRO C. BAPTISTA D' OLIVEIRA.

Lith. de J. Alves Leire.



REVISTA

DO

PARTHENON LITTERARIO

QUARTO ANNO

NOVEMBRO DE 1875

V

PORTO ALEGRE

IMPRESA LITTERARIA

1875



UM FARRAPO NÃO SE RENDE

COUSA ESTURDIA.

Bras de Sarracén

IV

Em companhia de seu filho viveu ainda annos calmos o nosso bravo coronel B.

Durante esse tempo sobre a provincia restabelecera-se o antigo dominio, e o nosso monarcha começou a exercer sem contraste o seu mando senhoril. Os rio-grandosens, os indomaveis d'outr'ora, curvãvã gostosos a frente sob o jugo pesado que os fazia lamber o chão em que pisava o rei, que qual novo deus tinha seus fetiches e sacerdotes consagrados ao culto do monarchismo; e a seu altar subia consecutivo o incenso da idolatria e a oblação de não poucos farrapos de outr'ora.

Assim foi que indo a Porto Alegre o nosso heróe visitar velhos amigos e camaradas do glorioso decennio, ao rancho tornou com a dôr e com o enojo n'alma. O dosanimo se lhe apossou do espirito para sempre. Tal que em renhidas pugnas peleara heróe, sustentando o estandarte tricolor dos livres, renegando para sempre tradições nobilissimas, era dos mais acerrimos zumbaieiros do monarcha e de seus prepostos, representantes do dominador poder.

Joca Mendes, commandante de um regimento serrano que no Seival, carregára elle só á frente de duzentos e poucos bravos contra uma divisão caramurú que tres vezes avançou e tres recuou de derrota em derrota, Joca Mendes, coberto de cracachás das imperiaes ordens da rosa, do cravo e do mangericão, se perfilava á frente de um batalhão da briosa civica nas procições do imperio.

O capitão Luiz Silveira tinha sido nomeado para uma agencia de correio; e contava-se ler brevemente na gazeta official o decreto de

nomeação de Pereira Netto para chefe de uma repartição, cuja criação se ideava nas regiões altas; e se alguém podia fazer jus a esse emprego ninguém mais que Pereira Netto. Inteligente, repleto de instrução, havendo sacrificado á república, fortuna, talento e mocidade, achava-se agora no meio da existência sem recursos e pobríssimo com duas famílias a seu cargo. A sociedade o obrigára a pôr muralha na consciencia e a dobrar a alíveza nativa: e o imperio do cadaver do republicano lançou mão para seu espantallo monarchico.

E mais que fraquearão na adversidade, pusillanimes hoje de briosos de outr'ora, erão a cêra a molde de que podia o rei modelar os servidores do imperio.

Raros de seus companheiros encontrou ainda B. fieis á causa que haviam sustentado, e esses vegetavam obscuros, inviáveis no seio da multidão. Acanhado era o proscenio publico, para que a grandeza de sua personalidade se pudesse manifestar e por isso encolhidos ninguem lhes via a frente sobresaliente: o calcanhar monarchico acachapando a nação, os via, a elles, como que em posição de não poder tocar nos pés d'aquelles a quem o servilismo alevantara; pois só o influxo official no Brazil crêa e eleva.

Pedro Gama, talento n'uma patria livre capaz de galgar os mais arrojados degraus da gloria, alma fundida na forja do nobre e do justo, coração germinador dos mais bellos sentimentos, busto do valor intrinseco tão grande como o do; que soem ser grandes, levava na sociedade em que passeião nullidades empavezadas, vida de paria, sem a minima imputação social. Era um recodeas d'um professor particular, a que ninguém prestava attenção; e elle com a mais nobre re.ignação, sentindo-se amesquinhado, deixava que o envolvesse a penumbra da obscuridade a que o seu grande vulto que a actualidade mesquinha acanhava, não fôra por Deus talhado. Interna apprehensão o levava a entrevisão de um mundo mais perfeito a que um dia o seu espirito lapidado pelas provações mundanas ascenderia tão gigante quanto rachiticos são os grandes da terra. Deus só sabe ao merito conceder lugar: a virtude apenas obtem d'Elle a merecida recompensa. E lá quão infimos se sentem as vezes os mais orgulhosos monarchas do universo!...

Deus não fôra Deus se não fôra justo.

Luiz Pericó, cuja vida fôra uma longa cadeia de sacrificios, em que a patria recebera sempre o holocausto das mais puras intenções, alma energica talhada para os grandes commettimentos; que o povo livre ideia, quando elle senhor de seus destinos, sente o impulso da lei divina que diz aos orbes — « marchai », á materia humanizada — « trabalhai », e ao espirito que não respeita o vacuo e vóá: — « a escada da perfeição tem mil degraus, galgai-os »; Pericó pobríssimo, sem amigos e entrevado, crente na infinita bondade do Creator justissimo, bebia até as fezes no mais triste abandono o calix da miseria, sem uma blasphemia e nenhuma impreciação soltar sequer.

A mais nobre resignação, em todo o sen intimo se reflectia.

E como elle alguns outros vivião.

B. vio tambem fiel á crença da sua mocidade o convencido escriptor democrata que fôra outr'ora collaborador de Zambicari na sustentação pela imprensa dos principios da republica.

Remigio era agora guarda-livros d'uma casa importadora.

Para caracterisar o homem, basta só um facto.

Remigio, que antes da revolução dispunha de capital para o manejo facil de seu negocio, finda ella com a fortuna assás compromettida, como se puzera, viu-se com a pobreza a braços. Debalde buscou readquirir o perdido futuro pecuniario de seus filhos, esteve a lutar com o impossivel! E já no desalento final, com a ultima esperanza a esvaír-se, surgiu-lhe manhoamente a estender-lhe a mão um alto figurão politico, por signal situacionista, que parecia a proposito cahido do céu. Propunha-lhe um negocio, em giria politica da actualidade classificado patota, do qual conhecia Remigio poder tirar extraordinarios proveitos, como se sabe que dão as negociatas com a nação imperial. Tinhão de celebrar um convenio pelo qual elle se obrigaria a empunhar a penna para da tribuna d'uma vendida imprensa, vampiro do inconsciente povo, começar a predica das homilias do imperialismo. O caminho da porta foi patente ao feliz corretor, que feliz foi em atinar com elle.

Quebrando a sua penna de escriptor oito dias depois Remigio entrava para um escriptorio como guarda livros, e n'elle se sepultou uma das mais cultas intelligencias do Sul. Exercendo essa profissão trez annos depois elle morria.

Meia duzia de collegas acompanhou o seu cadaver á ultima morada.

O coronel B. pouco ainda se demorou em Porto Alegre. O seu espirito soffria a todo o momento o choque de decepção e decepção, que se acordilheiravão ante sua alma em uma interminavel cadeia de pezares, em que se acanhadavão scenas de abatimento enojantes.

E então forte e irresistivel lhe veio dos pagos a aspiração continua.

E elle buscou a solidão e lá passava tardes e manhãs cercado de seus netinhos que vinhão em louro grupo, confundir as cabeças infantis em roda da fronte alvejante de seu avô. Seus semblantes meigos em que a candura se espelhava, com o complacente, tristissimo sorriso da velhice, trocavão as risadas argentinas, n'esse garrular da innocencia.

E o leão terrivel dos combates metamorphoseou-se no cordeiro do lar.

Continúa.

VICTOR VALPIRIO.

A VELHA QUITERIA

(ROMANCE)

VIII

O Bernardo Pechincha sabia de tudo que se passava em casa da Sra. do Sacramento, em relação a sua afillhada, e por isso espaçava as visitas afim de não chocar-se com a velha e comprometter d'esta forma a pobre moça que tudo lhe expuzera por escripto.

Mas como já havião passado muitos dias que não via a menina eil-o bastante contrariado em casa da velha.

— Então como vai? interrogou a velha vendo entrar o Bernardo Pechincha.

— Assim... assim, Sra. Quitéria.

— Já ninguem o vê.

— E' porque não quer, juntou o Bernardo.

— Diga antes porque não posso, advertiu a Quitéria lançando um olhar sobre a menina.

— Diga antes porque não quer...

— Antes fosse... Quem tem familia não pôde sempre andar dando trelha pela casa dos mais...

— Ah! a familia é mesmo muito numerosa...

— Não é... mas toda dona de casa tem cuidados e obrigações a cumprir.

— Mas que cuidados pôde ter a senhora ?

— Cada um é que sabe a agulha com que se cose... Havia de ser bonito eu andar esticando as pernas pelas ruas, como uma valfa e a Rachel feita dona de casa para deixar as minhas gallinhas sem comer nem beber...

Vem-me sempre a senhora com as suas creações como se dantes não as tivesse... Essas suas gallinhas, Sra. Qufteria, são uns filhos bem pesados... Mas porque estaes triste, disse o velho dirigindo-se a afillada que o encarou dizendo-lhe n'um rapido olhar o doer immenso de sua alma immaculada.

— Então, menina, não fallas... E que tens ? Andas doente ?

— Não soffro nada, respondeu ella.

— Eu estou te achando abatida, e muito pallida...

— Pois nada sinto...

— Deus te ouça, filha... Quem te visse hoje diria sem receio de errar que estavas doente.

— Talvez seja por falta de trabalho, observou a velha dando á voz uma inflexão um pouco aspera.

— Isto não... sempre que venho aqui encontro-a fazendo crochet, disse o velho.

— Ora essa !... crochet algum dia foi trabalho... é uma vadiação, juntou a Sra. Sacramento.

— Ah !... o unico trabalho para a senhora é deitar gallinhas e dar milho socado para os pintos.

A velha sentindo-se esmagada pela allusão; ficou vermelha que nem lacre e esperava a primeira occasião para atirar-lhe alguma insolencia.

O Bernardo approximou-se da menina e carinhosamente bateu-lhe no hombro.

— Emquanto eu fôr vivo não te cances, Josephina. Trabalha para não seres ociosa, mas não para viveres de teu suor... O que é meu, teu é, minha filha...

— Não ha de trabalhar ?! Que bonito papel represento eu em minha casa ! Qualquer um acha-se com direito de vir dar ordens em minha propriedade... Saiba d'uma cousa, Sr. Bernardo : n'esta casa quem governa sou eu sómente.

— Mas quem diz o contrario ? perguntou o Bernardo.

— O senhor !... que tem o arrojo de dizer a esta vadia em minha presença que não deve trabalhar !... Aqui, Sr. Bernardo, quem manda sou eu... eu só e mais ninguem... Emquanto eu fôr viva esta casa é minha... e vem-me cá o senhor ensinar a esta preguiçosa a desrespeitar a sua tia... a sua mãe de criação... Nunca se vio semelhante desaforo !...

— Saiba d'uma cousa, disse o velho retirando-se, eu não sou a sua sobrinha e por isso ponho-me ao fresco. D'aqui a tres ou quatro annos ninguem a póde supportar mais... é a idade... é a idade...

— Caduco me parece Vme.... velho sem juizo e malcreado !...

O leitor que já conhece o genio furioso d'esta velha caleule o que não ouviu a pobre moça depois da retirada do padrinho.

O viver de Josephina era um martyrio atroz e sem intermitten-
cia.

Mas algum dia devia acabar isto. Deus lá das alturas infinitas, ouve o soluço das almas soffredoras e quando não as attende logo, lança sobre ellas o balsamo da re-ignação e o perfume da crença e da esperança.

IX

Era sabbado.

A Sra. Quiteria já tinha resado bastante e accendido a vella de 4^{ta} no oratorio, como era seu costume.

Mas ainda andava rabnjenta e de ventas torcidas com a pobre sobrinha que com a paciencia de todo esgotada, já respondia-lhe com certo azedume, porém sem lhe faltar o respeito.

Não ha paciencia de Job, alma fria e indifferente, que um dia não desespere e reaja contra o absolutismo de Nero de quem quer que seja. A paciencia como todo attributo tem seus limites.

Viver-se com a Sra. Quiteria era pois um impossivel embora se fosse a creatura mais prudente e paciente que tivesse vindo ao mundo.

Nada lhe agradava, ninguem sabia fazer cousa alguma, tudo a incommodava quando os que convivião com ella é que poderião disso queixar-se e com sobejas razões.

Muitas vezes a Sra. Quiteria esbarrava n'uma cadeira, tropeçava n'uma banquinha, e investia furiosa para esses objectos, fallando desabridamente e com impetos de castigal-os.

Quem poderia viver assim com semelhante creatura ?

Antes a vida inteira condemnada ao martyrio de Sisipho, as torturas de Procusto e o soffrer de Tantalos do que um anno de convivencia com a Sra. do Sacramento.

N'este dia a velha estava com o diabo no corpo. A menina antes do almoço tinha ouvido um extenso sermão de arripiar os cabellos como os do padre João, e a negra já havia soffrido a queutura de uma fricção de orelhas.

Era meio dia em ponto. A Sra. Quiteria foi dar de comer ás gallinhas. Nunca vi estomagos mais melhodicos do que os d'essas galli-

ñhas. Tinhaõ tres prodigas refeições diariamente. Almocavão ao romper d'aurora, jantavão ao meio dia em ponto, como trabalhadores, e cejavão ao toque das Trindades.

Devido a esse tratamento, a esse methodo de comerem ás horas determinadas, as dilosas gallinhas nunca soffrerão de gastrite nem de hepate.

Porém deixemo-nos d'essas divagações e vamos acompanhhar a velha que lá está, quebrando milho para os pintos, com uma pedra, no topo da escada, que dá para o quintal.

As vezes pára de quebrar milho, anima com ternura um pinto e um sorriso meigo vem-lhe aos labios dando uma expressão mais presenteira áquelle rosto severo na doce e mystica contemplação das gallinhas que correm e cobrem o terreiro a hora da comida, como os soldados no quartel ao toque de rancho.

A velha estava entregue a essas internas alegrias, quando levantou por acaso os olhos para o céu, talvez para bendizer a sua criação, e viu no mirante visinho o apaixonado da sobrinha.

A Quiteria ergueu-se da banquinha em que estava sentada, com a rapidez de um relampago; e com o rosto tão vermelho como a crista do gallo do seu terreiro.

O moço estava infallivel no peitoril da janella, como um busto de marmore.

A velha fixou-o, quiz fallar, porém a raiva paralisou-lhe a lingua.

Passados os primeiros impetos de colera, a velha fechou a porta do quintal e retirou-se para o interior.

— Eu já te componho, grandissimo patife... vou-me queixar a autoridade... desrespeitar-se a minha casa... quando a minha familia passou por estas vergonhas?!... Eu que pôdia passar uma velhice descaçada fui mezmo procurar por minhas proprias mãos essa sarna que já me tem dado bastante que coçar... vou já á autoridade... isto não póde continuar assim.

Em menos de cinco minutos a velha preparou-se para ir a casa do delegado de policia, enquanto a pobre orphã debruçada sobre o leito chorava como uma creança a sua infelicidade.

X

A Sra. Quiteria chegou toda esbaforida a casa do delegado, pessoa já de seu conhecimento por ali ir de vez em quando por queixas da vizinhança.

D'esta vez os trunfos mudarão. Era a velha que ia queixar-se d'um

visinho que admittia em sua casa um moço com intenções de seduzir a sobrinha.

Mal ella penetrou na sala o delegado ficou surpreso.

— Eu não lhe mandei chamar, minha senhora...

— Eu sei, juntou a velha.

A autoridade fizera-lhe aquella observação porque toda a vez que ella vinha a sua casa era por elle chamada.

— Senhor delegado, principiou a velha, hoje não se respeita mais as familias... desrespeita-se tudo... até a velhice que vive no seu retiro sem ser pesada a ninguem e fazendo da sua bolça a bolça da pobreza. E' uma miseria, uma vergonha dizer-se isto, Sr. delegado, porém é o que acaba de me acontecer.

— Mas eu ignoro, D. Quiteria... Faltarão-lhe ao respeito na rua?

— Em minha casa, Sr. delegado... Na minha propriedade que é inviolavel como marca a constituição.

— Mas quem foi, senhora?

— Vou lhe contar o que se deu. Eu estava na porta do quintal dando de comer ás gallinhas, fazendo bem áquelles bichinhos que já a gente cria e lhes fica querendo bem... quando levantando os olhos para cima vi no mirante do visinho um moço... um moço, Sr. delegado!...

— Até este ponto não vejo mal algum...

— E' porque o Sr. talvez não tenha filhas moças... O que quer dizer um vagabundo, um soldado pregado ao meio dia na janella de um mirante que devassa a casa da visinha onde mora uma moça de 17 annos?

— E' namoro, minha senhora, e a lei do paiz não póde descer intervindo n'isto... Para evitar taes scenas, minha senhora, ha unicamente a justiça da casa...

— Mas, interrompeu a velha já bastante contrariada, para que eu pago as decimas das minhas propriedades e outros impostos? Não é para que minha propriedade seja respeitada e os cidadãos gosem de segurança publica?

— Mas a policia não póde prohibir que a sua menina goste d'este ou d'aquelle... isto compete a senhora... a justiça só póde obrigar-os a casar quando haja seducção ou antes quando a moça tenha 18 annos e encontre opposição da parte dos seus pais e tutores.

— Pois a minha menina não se casa, Sr. delegado... ha de professar...

— A senhora quer se julgar acima da lei...

— Qual lei, nem lei... eu não precisei casar para ser estimada como sou... e tive muitos casamentos!... não me casei porque não quiz.

— Estou convencido d'isto, Sra. Quiteria, juntou o delegado passando a mão pela boca para desfazer a ruga de um sorriso brotado

inesperadamente á lembrança da mocidade d'aquella cara, que era um impossivel que tivesse tido mocidade.

— A' vista d'isto, tornou ella, eu farei o que entender... n'este paiz não ha mais leis... cada um faz o que quer... eu seguirei esta norma...

— Siga antes esta, disse o delegado, — o encommoado é quem se muda...

— Bem... bem, disse a velha retirando-se mais furiosa ainda do que quando entrára.

Aquella expressão : — o encommoado é quem se muda — era sempre empregada pela Sra. Quiteria nas questões com os seus visinhos, e como a de que se tratava estava n'este caso, o delegado como um habil esgrimista aproveitou-se das proprias armas do seu contendor para feril-o mortalmente ; o que succedeu obrigando a velha á uma retirada vergonhosa.

Coutinúa

MANFREDO.

A GRUPIARA

DRAMA BRAZILEIRO

EM 1 PROLOGO E 4 ACTOS

PERSONAGENS DO 2º ACTO

Descio Serrano
Dionisio
Flavio James
Commendador Antonio Vasques
Luiz Corrêa
Barão de Cassarú
Major Botelho
Jorge (com libré)
José (criado de casaca).

2º dito
Um primo
Um critico
Um bobo
Um pedante
Um caixeiro de jaqueta
Um official de policia

Brenda (filha de Flavio) 16 annos
Magdalena (mulher de Vasques) 25
annos.

Uma solteirona
Uma pretenciosa
Uma feia

ANONYMOS

COMPARSAS

1º bajulador

Convidados de ambos os sexos.
5 criados de libré
Praças de policia

A acção passa-se no mesmo dia do 1º acto.

ACTO II

A SOCIEDADE EM AMOSTRA

SCENARIO: — Sala nobre em casa de Vasques, ao lado dos salões de dança. Um piano á direita baixa, sofá á esquerda idem, cadeiras aos lados. A' direita e á esquerda uma janella entre duas portas, ao fundo dois arcos deixando livremente ver-se um jardim illuminado, tendo bancos á direita e á esquerda. São nove horas da noite. Ao ir levantar-se o panno ouvem-se applausos e risadas.

SCENA I

Descio, Corrêa, Brenda, Magdalena e convidados, um grupo; barão de Cassarú, 1º e 2º bajuladores e convidados, outro grupo; Mariquinhas sentada ao piano, e formando grupo ao redor d'ella, o primo, o critico, o pedante, o bobo, a solteirona, a pretenciosa, a feia e dois outros convidados e depois José.

PRET. — Muito bem, D. Mariquinhas, a senhora e seu primo recitão *divinalmente*.

CRIT. — Oh! magestosamente!

PRET. — Só conheço uma pessoa capaz de recitar tão bem.

PED. — Eu não recito menos mal.

PRET. — Ah! não fallava no senhor.

CRIT. — Ella fallava comsigo mesmo. Que está o senhor a pensar?
(Para o grupo de Descio) Oh! Sr. Corrêa, venha recitar tambem. queremos nos divertir.

COR. — N'esse caso o senhor se desenvolverá melhor do que eu. (*Continuão a conversa em voz baixa.*)

PED. — Recito eu, minhas senhoras.

BOB. — E' mezmo, é verdade, é verdade!

PED. — E' poesia de minha lavra, que pódem ficar certos de tão boa, já passou por ser de Gonçalves Dias, ou traduzida de Lamartine; o que é certo é que ainda estes dois...

CRIT. — É lá, amigo, olhe que não está no pulpito; não queremos ouvir sermão.

PED. — Tenhão a bondade de mandar vir um copo d'agua.

1º BAJ. (*sahindo do seu grupo*) — Não se incomodem. (*Indo á porta da esquerda, alta*) José, manda trazer um copo com agua para o filho do Sr. visconde da Casa Verde.

2º BAJ. (*Indo depressa á mesma porta*) — Anda, José; está bom, deixa, eu mesmo vou buscar. (*Sahe*).

PED. — Infelizmente, D. Mariquinhas, não sei de cór a minha producção; são d'essas inspirações de momento, que sahem ao correr da penna e que deixão-se de lado porque o enthusiasmo de uma outra...

CRIT. — Asneira.

BOB. — Deixa elle fallar.

CRIT. — E' um orador consummado.

JOS. (*Apparecendo á porta e trazendo o copo com agua seguido do 2º bajulador que por mimica e sullando baixo dá a conhecer que quer o copo. Alto*) — Ah! mas eu levo; não é proprio que entregue nas mãos de V. S.^a o meu serviço. (*Continúa um instante a insistencia do 2º bajulador, que retira-se em seguida para o seu grupo.*)

PED. (*Durante o que se passa com José*) — Mas dizia eu... é verdade, nem me lembro mais o que dizia...

CRIT. (*Idem*) — Oh! o senhor não dizia cousa alguma... os papagaios não dizem, vozeião.

PED. (*Alterado*) — Quer então me chamar de papagaio?

CRIT. — Qual! isto foi um pensamento ao voar da idéa, como os seus versos ao correr da penna.

PED. — Logo vi que o senhor não havia de querer debicar-me; sou um homem bastante talentoso e erudito, digno por todas as fórmulas de respeito.

PRET. — Tem razão, Sr. doutor; eu tambem sou assim.

CRIT. — Olé, ninguém põe em duvida; principalmente sendo VV. Ex.^{as} que dizem.

PRIM. — Mas que ninguem repete.

JOS. (*chegando*) — Aqui tem a agua, Sr. baronele.

PED. (*tomando a agua*) — Oh! já estava faminto de sêde!

CRIT. — Então, não coma tambem o copo. (*Risadas*)

SOLT. — (*A' parte, a José*) — Tem muitos moços ali?

Jos. — Estão chegando.

SOLT. (*suspirando*) — Ai! Ai! (*A' Pedante, com requebros*)
Vamos então ouvir-o?

PED. — Já, minha senhora.

PRET. — Já estou *afflicta* por ver-lhe recitar!

CRIT. (*comprimindo a risada*) — *Afflicta*! Ouviste?

BOB. — E' mesmo, falla bem aquella moça.

CRIT. — Ah! pastrana.

PED. — Vamos, D. Mariquinhas, todos nos esperão. (*Tira do bolso um quaderno de papel escripto*) Estou prompto. (*Desdobra o papel enquanto Mariquinhas toca a introduccão do recitativo.*)

CRIT. (*reparando*) — Què, senhor?! E' tudo isso?!

PED. — Se acharem pequena, eu recito duas vezes.

CRIT. (*exagerado*) — O què? (*Gargalhada*) Um recitativo que occupa cinco folhas de papel almaço e recitado duas vezes!! Ah! Ah! (*Gargalhada geral; Mariquinhas foge do piano; os grupos se dispersão e vão sahindo.*)

PED. (*zangado*) — Isto é! Assim é que se desprezão n'esta terra os verdadeiros meritos! (*Agarra o bobo*) Não vês? Não se póde ter intelligencia... eu que sou bacharel, ser offendido no meu talento! (*Batendo nos papeis*) Olhe! Sr. coisa, aqui n'estes versos ha *pensamentos imaginarios* puramente, nada de commum! póde ficar certo.

BOB. — O senhor me dá uma copia?

PED. — Aqui tem, copie. Mas me entregue o original *pia-religiosamente*. Ouviu?

BOB. — Sim, senhor. Hei de mostrar ao papai.

PED. — Mostre, sim; mostre a todos os seus parentes para ficarem me conhecendo. Vamos agora ao salão, tenho em vista estudar a sociedade... (*vão sahindo*) ou antes a mulher sob a forma galante, mas isto é segredo... (*Continúa fallando baixo, e vão-se como todos menos os da seguinte scena.*)

SCENA II

Descio, Brenda e Magdalena, depois Flavio.

MAG. (*reparando*) — Oh! casualidade! Ficamos somente os tres.

BREN. — O Sr. Lyncio entretem tanto a gente!

DESC. — Ah! minha senhora, sou eu o entretido por VV. Ex.^{as}; que valem as minhas simples narrações que não devem prender a attenção de ninguem. Eu sim, me sinto preso aqui pela influencia

magnetica de encantos divinos. A senhora .. (*Magdalena vai para o piano*)

BREN. — Ah! basta, basta; não adivinha que aborreço os lisongeiros?

DESC. (*estatico*) — Amo-a, na força de sua virtude! (*Convulso*) Tenho o coração e o pensamento tão preso à sua imagem, que querer arrancal-os seria arrasar a montanha que o anno sópé socavou com a raiz! (*Pendendo a frente*) E não posso fugir-lhe e sinto que me ha de odiar!...

MAG. (*sentada ao piano*) — O Sr. Lyncio não recita?

DESC. (*depois de uma pausa*) — Tenho tão pouco ou nada representado na minha vida que, não sei se poderei bem representar o papel de recitante! (*Vai ao piano.*)

BREN. (*A' parte. Ainda surpresa*) — Mea Deus!... Que olhar!...

MAG. — Entretanto deve recitar para ter ao menos a experiencia.

DESC. — Se D. Brenda dá-me licença, ou me ordena.

BREN. (*timida*) — Peço-lhe.

DESC. — Tambem é uma ordem.

MAG. — A que obedece?

DESC. — Necessariamente; ainda que seja para desenganar. Contudo vou recitar bem baixinho, só para as senhoras ouvirem. Ah! perdão, D. Magdalena, quizera que D. Brenda me acompanhasse.

BREN. (*Ainda timida*) — De boa vontade. (*Trocão esta e Magdalena. Flavio apparece ao fundo, onde fica encostado ao arco esquerdo e escuta pensativo.*)

DESC. — São unicamente pequenas e simples notas de minha alma; nunca fui poeta; mas quem não terá um momento de poesia no coração?

MAG. — Nem todos a podem confiar ao papel.

BREN. — Quer principiar?

DESC. — Sim. (*Brenda acompanha e Descio recita.*)

O céu se innunda de brilhantes cyrios,
A' terra os lyrios perfumando 'stão,
O mar soluça, — como tem aragens, —
E que miragens discurtindo vão!

E' noite pois, já calou-se tudo
O bosque é mudo no continuo arfar;
Nem longe muge presentido gado
Nem gasto arado a se ouvir chiar.

E' noite ainda, mas a noite é calma
 Como n'est'alma meu profundo amor!
 No peito a febre, mas a mente fria
 Como alegria no soffrer, na dôr!

E' noite ainda, quando chegue o dia
 Tanta magia, sorrirá-te alfim!...
 — E a mim, que dores! n'este peito em renda
 De chagas, Brenda, por amar-te assim!! (*Salte arrebatadamente.*)

FLAV. (*Vendo-o sair. Tristemente*) — Ah! ama miaba filha!
 E aquelle amor tem o crepitar medonho da incessante cachocira! Fune-
 nesto! fanesto!! (*Salte*)

SCENA III

Brenda e Magdalena

MAG. (*encarando Brenda, que se acha attonita*) — Brenda!...
 E's amada! (*Estende-lhe as mãos, que Brenda aperta.*)

BREN. — Oh! Magdalena, eu tenho medo d'este homem!

MAG. — Criança! O amor as vezes tem o despertar na solidão
 escura da noite que a imaginação povôa de phantasmas!

BREN. — Não, eu não o amo. Antes voto-lhe culto, admiro-o!
 tem um talento que transverbêra nas mais insignificantes expressões.
 (*Ouve-se signal de quadrilha, dentro.*)

MAG. — Brenda, confesso-te; tambem eu temo este homem e sinto
 que elle me escravizaria, porque me domina com o seu olhar!
 Lyncio tem mesmo o olhar de lynce, parece ter a argucia e a fereza
 tambem; mas, quando aquelle rosto se abranda, é perigoso para um
 coração.

SCENA IV

As mesmas, Descio, Corrêa; a Pretenciosa que entra de braço com o
 Critico, a Feia com o Bobo, e mais dois pares de convidados; 1.^o
 Bajulador (um momento.)

Desc. (*entrando*) — D. Magdalena, creio que tinhamos combina-
 nado a primeira quadrilha?

MAG. — Sim, senhor. Dancemos mesmo n'esta sala, não é assim?

DESC. — Já que nos achamos aqui. (*Dá-lhe o braço.*)

COR. (*Entra. A Brenda*) — Minha senhora : nossa quadrilha.

BREN. (*Tomando-lhe o braço*) — Quem é seu vis-à-vis, Sr. Cor-rêa?

COR. — O Sr. Lyncio.

BREN. — Ah!... tinham de antemão combiniado?

COR. — Não senhora. Perguntou-me com quem dançava e sabendo que era com V. Ex.^a convidou-me para ser vis-à-vis.

BREN. — O senhor não podia recusar?

COR. — Nada posso recusar ao Sr. Lyncio.

BREN. — E' singular! O senhor é a terceira pessoa que hoje me falla, com tanto respeito, d'esse moço.

1º B. AJ. (*entrando*) — Minhas senhoras e meus senhores, cá no salão ainda cabem mais de dez pares, e vai armar-se tambem n'esta sala, se sôr preciso, e segundo a vontade do Sr. Commendador, uma mesa para jogo. (*Sahe*)

MAG. — Então temos de nos retirar.

DESC. — Da melhor vontade. (*Vão sahindo*)

BREN. — Vamos todos. (*Idem assim como os comparsas.*)

(*Musica dentro; quadrilha*)

SCENA V

Critico, Bobo, Pretenciosa Solteirona, e a Feia.

PRET. (*vendo os outros sahirem*) — Eu não vou. Mandão-me para cá, agora para lá. Quem sabe se sou algum pilão de chadrez?

CRIT. — Olé, pilão!... de chadrez? São bons esses pilões, Sra. D...
V. EX.^a... diabo! que sempre me esquece o maldito do nome.

PRET. — O senhor me está enzovalhando!

CRIT. (*cumprimentando-a com riso sarcástico*) — Foi distracção, dispense-me.

PRET. — Não quero dançar mais com o senhor. (*Tira-lhe o braço e vai sentar-se no sofá, onde tambem se sentão a Feia e o Bobo.*)

FEIA. (*voz esganiçada*) — O senhor é um mocinho muito bem comportado, é pena não saber dançar.

BOB. — A mamãe sempre me disse assim.

PRET. — E a senhora sua mãe porque não veio?

BOB. — E' porque o Manequinho está com dor de barriga.

CRIT. — Coitado do Manéquimquim! (*Senta-se no banco de piano.*)

FEIA. — As crianças sofrem muito d'esta molestia.

CRIT. (*A' Feia*) — A seahora já foi criança, D. Formosa?

FEIA. — Falla comigo, ou aqui com D. Modesta?

CRIT. — Ah! a senhora ahi, chama-se Modesta! Que nome bem empregado. E V. Ex.^a do nariz, como se acha?

FEIA. — Como se acha do que?

CRIT. — Não: queria dizer, como se chama?

FEIA. — Chamo-me Rosa-linda!

CRIT. — Ai! Jesus; que dor de estomago!

SOLT. (*entrando zangada e apressada*) — Ora, que desaforo! Já se vio isto? Tanto homem e uma moça como eu ficar sentada!? Vou-me embora! E' o papai chegar, aqui não fico eu.

CRIT. (*A parte*) — D'esta eu adivinho o nome. (*Alto*) D. Nêê; não se incommode por isso; nós todos aqui, tambem não dançamos, uns por falta de damas e outros por falta de cavalheiros.

SOLT. — V. S. falla comigo?

CRIT. — Creio que sim.

SOLT. — Mas esse não é meu nome, nem mesmo em casa me tratão as sim. Me chamão Teteyá.

CRIT. (*dando um pulo no banco*) — Como?... minha senhora! Té-teia! Olá! Compreendo. Descobri a etymologia da palavra. E' derivada a metade do francez e a outra metade do portuguez; *tête* em francez, cabeça; teia é teia; logo quer dizer cabeça de teia... de aranha naturalmente.

FEIA. — Eu não entendo o que o senhor diz.

SOLT. — Nem eu.

BOB. — Nem eu.

PRET. — Pois eu entendo. Nã escola sempre fui tida por menina de muito talento, logo comprehendia o que a professora explicava. Olhe, eu sei: o senhor está dizendo que teia de aranha não é brinquedo.

CRIT. — Ah! ah! ah! A senhora é um portento, luzimento, espavento de talento! (*A' Feia*) Olhe, minha senhora; sua liga está cahindo.

FEIA. — Atrevido! Se não olhasse, não havia de ver. (*Endireita-se tapada pelas outras.*)

CRIT. (*Ao Bobo*) — Oh! rapaz, deixa eu ver essa poesia do bacharel. (*Bobo vai levar*) Como te chamas?

BOB. — Felisberto.

CRIT. — Feliz, — não duvido; estás nas condições; mas experto, é... (*sacudindo a cabeça*) E' o que não te acho. (*Vira-se para o piano e põe-se a ler. As tres mulheres tem-se reunido.*)

SOLT. — E' o que te digo, Modesta; é um namoro! um namoro

vergonhoso ; uma mulher casada com um homem de posição, por-se a namorar o proprio guarda-livros do marido.

PRET. — Vejão como está esta sociedade !

FEIA. — Eu não sei que graça lhe acha o tal rapaz ? Ella ser bonita não é.

SOLT. — Como está mal trajada ! Aonde mandaria fazer semelhante vestido ?

PRET. — Ora, aonde ? Em qualquer casa ahi que devesse ao marido. Elle é um usurario ; por isso cá por mim é a Walerstein a melhor modista de todo o Brazil.

FEIA. — É a Mariquinhas ? Vocês já virão como está horrivel, magra que parece um espeto !

SOLT. — Aquella não casa mais ; não quiz casar com o major Botelho por ser velho, ella tambem ha de ficar velha e para tia. Tem quando menos a minha idade, 22 annos.

PRET. — É namoradaira, como ella só ! Outra que tal ! Deus me livre de ser marido de tal mulher.

FEIA. — Que confiança pôde ter um marido ?

SOLT. — Agora anda de namoro com o primo. Tu não viste ?

PRET. — Ora, se vi. São primos, ninguem repara.

BOB. — E a Brenda ? A Brendasiinha ?

SOLT. — Olhe, já virão este sugeito ! Fallar na Brenda ; quem é a Brenda ? Um sacco de palha enfiado n'um cabo de vassoura !

PRET. — Uma rapariga sem espirito.

FEIA. — Sem graça.

SOLT. — Sem geito.

PRET. — Sem prestimo.

BOB. — Tão honitinha !

SOLT. — O Sr. está morrendo de amores por ella. Já se vê !

FEIA. — Olhe que não tem aonde cahir morta.

PRET. — Nem tem um trapo que sirva.

FEIA. — É mesmo ; vejão com que vestido se apresenta !

SOLT. — É o penteado ; que ridiculo.

PRET. — Vi o pé d'ella, estava com a botina rôta !

CRIT. (*dá uma grande gargalhada*) — Ah ! este mundo é de quem mais apanha ! (*Todos olhão espantados*) Admirão-se ? (*Levantando-se*) Digo-lhes a verdade. Em todos os sentidos ; neste, (*faz mimica de furta*) ou n'este, (*faz mimica de soar.*)

SCENA VI

Os mesmos, Brenda, Magdalena e Mariquinhas

SOLT. (*vendo apparecer as tres damas levanta-se*) — Ahi estão ellas, nossas amigas. (*Levantão-se todos*) Fallavamos em vöcêds; são as flores do baile.

PRET. — Os espiritos e animação, dizia eu.

FEIA. — E eu os mais lindos toilettes.

CRIT. (*chegando-se*) — E eu, minhas senhoras, dizia... dizia... eu, é melhor não dizer o que eu dizia por bocca d'essas senhoras.

BOB. — Eu não dizia nada. Ellas só que estavão dizendo.

MAG. — As senhoras, são muito lisongeiras, mas nós lhes perdoamos. Com que então, passarão toda quadrilha aqui n'esta sala conversando?

SOLT. — Não quizemos dançar.

MAG. — Para que não entrão para o salão?

PRET. — E' justamente o que iamos fazer. (*Dá o braço á solteirona e vão seguidos de Feia pelo braço de Bobo, todos quatro pela direita.*)

MAG. (*sahindo pela esquerda com suas companheiras*) — O que vão dirião ellas de nós?

SCENA VII

Critico e Pedante

PED. (*entrando pela direita esbarra com o Critico que vai sahindo e lendo baixo*) — Ora! Arre!

CRIT. — O senhor qua i que e maga o meu nariz!

PED. (*reparando, esfrega as mãos*) — Lendo a minha poeria. Isto é primor! Trabalho de alguns dias que valem seculos de gloria! Qué tal acha?

CRIT. (*sentencioso*) — Muito plagio, sem metrificação, desconcordancia de pensamentos, sem figuras e algumas *cousitas* mais, como, por exemplo, esta verruga. (*Lê*)

« Depois de a ver ruga as faces. »

PED. (*arrancando-lhe o papel da mão*) — O senhor não conhece o que é poesia !

CRIT. — E o senhor não conhece o que é siso.

PED. — Eu sou um academico !

CRIT. — Qual é a etymologia d'essa palavra ! Nem o senhor sabe !

PED. — Pois diga o senhor. (*A parte*) Que tal ! Pergunta para aprender.

CRIT. — Escute, senhor litterato. Academico, é uma palavra composta de guarany e portuguez. *Acá* quer dizer — cabeça — o resto — de mico — é o portuguez. Ouviu sêo ? E com esta, estou-lhe comprimentando, senhor Bacharelão. (*Sahe*)

PED. (*vendo-o sahir*) — Dizer mal dos meus versos ! Isto não fica assim. (*Sahe pelo fundo.*)

SCENA VIII

Commendador Vasques, barão de Cassarú e depois 1.^o e 2.^o Bajuladores, na sala ; Magdalena pelo braço de Corrêa, Brenda pelo de Descio e Mariquinhas pelo do Primo, passeião no jardim.

VASQ. (*entrando*) — Será possível, barão ?

BAR. — Com toda a certeza. A letra foi reconhecida fall'a pelo Nolasco de Araujo ; provou immediatamente que nem podia ter indossado tal letra porque n'essa data não se achava elle na cidade ; além do que podia ser com cautella reconhecida que a assignatura não era sua.

VASQ. (*pensativo*) — E o de graçado recolhido á correção ?

BAR. — Lá está, e mettido em bons lençoes.

VASQ. — Não achou meio de escapar ? Não sabe como ver-se livre de semelhante situação ?

BAR. — Dizem que desatina, que falla de um crime do passado. Toda a tarde esteve como em allucinação, fallou no senhor, queixou-se do guarda-livros, pede perdão não sei a que ente imaginario. Algumas pessoas que por curiosidade o forão ver, sahirão de lá com bastante pena.

VASQ. (*em emoção crescente*) — Fallar em mim ? O que tenho eu com elle ? (*A parte*) Oh ! o miseravel me póde trahir, ficarei perdido ! Não, não... comprarei o seu silencio, se preciso fór !

BAR. — Em que pensa commendador ?

VASQ. — Pensava... Ah !... Acho singular o que me diz.

BAR. — E' o que toda a cidade repete.

VASQ. — Mas o meu nome ? ! O que vem fazer em tudo isto ?

BAR. — Acrescentão ainda outras cousas, em que não dou credi-

to; bem sei que o commendador... nunca seria capaz; não, não acredito!

VASQ. — Oh! barão, acabe; diga com franqueza o que ha. Lhe peço.

1º BAJ. (*entrando acompanhado do 2º*) — Senhor barão, senhor barão, procuravamos á V. Ex.ª

2º BAJ. — Sim, procuravamos...

1º BAJ. — A Exm.ª Sra. baroneza deseja fallar-lhe.

2º BAJ. — Sim, excellentissimo; disse que sem demora.

BAR. — Ah! minha mulher. Vamos... (*A parte*) Assim me livro d'esta sarna. Ai! que o sujeito tem a pulga atraz da orelha! (*Sahe com os Bajuladores. Ouvre-se signal de walsa.*)

VASQ. (*sentando-se no sofá*) — Ah! no meio de minhas alegrias de hoje, devia vir a fatalidade ainda me acabrunhar; quando me deixará de perseguir essa irrisão do destino. (*Pensa*)

DESC. (*que vai atravessando o fundo da sala com Brenda*) — Mas, senhora, é crueldade desvanecer-me assim as illusões; lançar-me tão atrozmente as amarguras no coração!

BREN. — Deixo-lhe alguma esperança e desde já a mais franca amizade de que é digno.

DESC. — Dá-me a vida n'esse olhar tão cheio de ternura para matar-me com palavras tão frias! (*Vão sahindo.*)

COR. (*apparecendo com Magdalena*) — Ah! Magdalena, só o amor me levaria tão longe!

MAG. — Tenho fé, Luiz, que nossas desgraças vão ter fim, com a oppressão em que temos vivido, não te deve lançar nenhum pezar no coração.

COR. — E que fiz eu tambem? Confiar os segredos do meu patrão a um homem que me promete a felicidade...

VASQ. (*que os tem visto. Chamando*) — Luiz.

COR. (*deixa o braço de Magdalena, porém descem ambos*) — Senhor?

VASQ. (*para Magdalena, com máu fallar, reprehendendo-a*) — Senhora, retire-se; o seu comportamento d'esta noite tem sido bastante vergonhoso.

MAG. (*com brandura*) — Em que posso eu ter offendido os deveres da decencia, senhor!

VASQ. — Cale-se e retire-se!... Mas fique certa, que esta será a ultima vez que lhe farei a vontade a respeito de bailes.

MAG. — Não lhe pedirei mais.

VASQ. — Não quero respostas! Já sabe d'isso! (*Aponta-lhe a porta.*)

MAG. — Vou, senhor, a escrava obedece! (*Sahe*)

(*A musica dentro toca a walsa — O Beijo*)

SCENA IX

Vasques e Corrêa na sala; Mariquinhas e o Primo, no jardim; José atravessa depois a scena.

VASQ. (*encarando Luiz*) — Tenho notado em ti esta noite muita familiaridade com minha mulher.

COR. — E' a de sempre, senhor; bem sabe que nos tratamos como irmãos.

VASQ. — Relevo-te esse procedimento; mas deves ter cuidado nas tuas acções. (*Mudando*) Não soubeste o que succedeu a Augusto Martins, meu antigo socio?

COR. — Ha pouco, o soube aqui mesmo.

VASQ. — Pois bem: amanhã irás visital-o; de tua parte, bem entendido; é necessario que eu conheça a fundo se o que se diz é verdade; falla em mim, tem expressões sem sentido claro. E' necessario tudo conhecer.

COR. — Irei, senhor.

VASQ. (*levantando-se*) — Ah! Luiz, estou temeroso; o destino d'aquelle homem parecia estar ligado ao meu. Ha seis annos que a mão de uma sorte fatal que pesa sobre elle, pesa tambem sobre mim. (*Pausa. Passaia*)

Jos. (*vem atravessar a scena e pára-se em frente do arco da esquerda; olha para o jardim aonde o Primo beiju com transporte Mariquinhas*) — Olhem lá... olhem lá que maganão aquelle senhor Primo; como comprehende perfeitamente a musica da walsa... E ella!... Ah! innocencia! (*Vai á direita*)

VASQ. (*continuando*) — Que horrivel pensamento! Se isto não fosse acaso?... Mas é... é; quem poderia fazer estas cousas? Essas quebras, esses navios perdidos, aquelle incendio! Mas é terrivel em pensar!... Haverá me mo um Deus? (*Mudando; á Corrêa*) Luiz, esta mesma noite depois do baile iremos ao escriptorio, é preciso trazer para aqui aquelle caixote Nós mesmos o traremos. Devas ter-te lembrado d'isso; tua obrigação é lembrar-me o que me esquece. Fugita. (*Sahem ambos pela direita conversando baixo.*)

(*Ouem-se os ultimos compassos da walsa.*)

SCENA X

Major Botelho, José, os cinco criados de libré, e Jorge, conduzindo cada um uma salva com copos de refrescos.

Jos. (*atravessando da direita para a esquerda*) — Ha nuvens negras, o homem já está com a cara amarrada e o peor é que foi jogar. (*Sahe.*)

MAJ. (*dá direita ao mesmo tempo que apparece o primeiro criado da esquerda para o qual se encaminha*) — Olá! ahí vem refrescos! Vamos a ver isso. (*Agarrando o copo*) Groseille! (*Bebe. Segue o segundo criado, toma-lhe um copo e exclama*) Limonada! (*Bebe. Segue o terceiro, quarto, até o sexto inclusive Jorge; faz sempre o mesmo com as exclamações*) Cidra! Rosas! Maças! Oh de baunilha! (*Bebe o ultimo*) Excelente e perfumado. (*Os criados vão entrando á direita.*)

Jos. (*chegando com um licoreiro*) — Senhor major Botelho, um pouco de licor! Tem aqui seis qualidades!

MAJ. (*tomando*) — Marrasquino! Coração! Cravos! Tramboezas! Gingas! (*Agarrando outro*) E este! (*Toma.*) Cacá legitimo! (*Toma outro calix.*)

Jos. (*Vai sahindo. A parte*) — Forte bucho! Aquillo não é uma botelha, é uma pipa! (*Sahe.*)

MAJ. (*descendo*) — Nunca vi nada mais insipido, do que este baile. Para que diabo serve a dança? Um divertimento que não diverte! Ridiculo e sonso... Não sei que papel reprezentão esses pobres tontos que dançam?! Ora adeus! Vejão lá um homem ahí a manobrar, como recruta em exercicio de pés; (*imitando quadrilha*) lâ, lâ, lâ, lanhã, lâ, lâ, etc. Que triste cousa é não ter carôco! O peor é que já estou com somno! O calor aqui é de fogo. (*Subindo*) O chocolate não é senão lá pela alta noite. (*Sahe para o jardim*)

SCENA XI

Descio e Brenda

DESC. (*de braço com Brenda, que deixa na bocca da scena*) — Ah! Brenda; desculpe tratál-a com esta familiaridade; conceda esse direito á paixão profunda que lhe consagro. (*Brenda senta-se*) E injusta comigo; não erer que a poesia do amor possa residir em meu coração,

é não reconhecer a força da mocidade, é duvidar da bondade divina que se reparte até aos mais ínfimos animaculos da natureza ! Amo-a, sim, creia-me santamente, e sou muito de graçado !

BREN. (*commovida*) — Senhor ! Além de interpretar tão mal minhas palavras, lança em mim um como remorso... Fique certo, não tenho intenção... não duvido... creio-lhe mesmo. Mas... meu Deus !... Eu não sei... O senhor... dizem que é millionario... Eu... eu... sou tão pobre... Mesmo, me parece, que não lhe mereço, senhor ?! (*Pensativa.*)

DESC. (*tomando-lhe as mãos e curvando-se*) — Oh ! mimosa e ingenua creatura. E's digna do mais cabal affecto, da mais lauta adoração ! Amo-te ! Amo-te loucamente !... (*Affastando-se e a parte*) Ah ! desgraçado ; e é contra esta creatura innocente ! contra este anjo, que tenho de lançar as garras da fera ? !... Ah ! não posso !... Não posso !... Mas devo !... Este dever que me abate, que me estortega o coração em cruas ancias, não fui eu que o escrevi ; se fosse, apagaria essas letras de fogo que me fervem o sangue, que me crestão a alma, clareando a meus olhos a lapida funcrea plantada sobre os restos de meu pobre pai por esses bandidos de casaca ! (*Pausa*) Mas não : succumba embora, contorça-se mesmo o amor nas convulções dolorosas que precedem a morte ! O juiz é inexoravel !... Vamos... (*Volta junto de Brenda*)

BREN. — Em que pensava, senhor ?

DESC. — Pensaria em Brenda, se pudesse pensar. Mas já não tenho imaginação, só tenho soffrimento !... Ah ! se pudesse entrever, tactear a luta do coração, a luta do dever repellindo a felicidade ; da felicidade repellindo o dever, teria sem duvida piedade de mim... (*sorpreso*) Porém, o que é isto ? ! A senhora está pallida !... Está doente ?... sofre ? !...

BREN. — Não, não é nada. (*Desfallecendo*) — Tenha a bondade de chamar meu pai.

DESC. (*Recua, tira do bolso um vidro ; indeciso : avança e torna a recuar*) — Não posso !... Mas preciso !... Isto é horrivel... Meu Deus, já nem posso recuar ante este castigo com que me sinto castigado ! (*Avança, apresentando tremulo, ancioso, o vidro a Brenda*) Senhora... cheire ; este espirito... lhe fará bem...

BREN. (*toma o vidro languidamente. leva-o ao nariz ; sorve.*) — Ah ! o que é isto ? ! Chloroformio !... (*Quer levantar-se e cahe desfallecida.*)

DESC. (*toma-lhe o vidro dizendo dolorosamente*) — Sim, Brenda, é chloroformio ! (*Cahe de joelhos e toma-lhe as mãos que enche de beijos*) — Perdoa-me, perdoa-me !... E' dura esta agonia do dever perante o amor !... Sou um desgraçado !... Amo-te ! Amo-te muito e atração-te miseravelmente ! Tu cras a unica ventura, o unico bem que possuia teu infame pai !... Não, elle não te merece ! Vem ser minha, vem... (*Ouvem-se risadas dentro, levantando-se*) Ah !... (*Vai á por-*

ta e chama) Jorge, José, venhão depressa ! (*Vai ao fundo*) Dionisio !
Dionisio !... (*Vai á direita olha para dentro e fecha a porta.*)

SCENA XII

Descio, Brenda (sempre desfallecida); Dionisio (com traje de côrte);
Jorge (de libré); José, e no fim major Botelho (que só apparece.)

DESC. (*a José que entra*) — Fica aqui e não deixes ninguem entrar. (*José obedece.*)

DIO. (*entrando*) — Então?...

DESC. — Dionisio, não tinha alguém no jardim?

DIO. — Ninguem que eu visse. Salvo um vulto que estava deitado em cima de um banco, era decerto algum cocheiro dormindo; pareceu-me ver-lhe dourados.

DESC. (*a Jorge*) — Dêste a dóse muito forte, Jorge?

JORG. — Não senhor, todos os copos estavam bem fracos.

DESC. — Pois sim: Dionisio, Jorge, ella ahí está; levem-n'a. Oh! não me animo a tocar n'aquelle corpo, é sagrado para mim! Mas, depressa!... amigos, depressa!

DIO. — Ah! filho, tu me dominas; fazes-me teu cúmplice quando eu pedia a Deus para que fossem mallogrados teus novos intentos!

DESC. — Ah! Dioni-io, por piedade!... Andem, meus amigos!...

(*Dionisio e Jorge tomão Brenda nos braços e vão sahindo para o jardim.*)

DESC. — Dionisio, cuidado!... O carro está na porta do jardim, José?

JOS. — Está, sim senhor.

DESC. — Dioni-io, Jorge, entreguem-a ás duas moças que lá estão; eu sigo atraz, no meu carro. Vamos... Vamos! Tu voltarás, Dionisio, não é assim?... Cumprirás a tua promessa. Amanhã ao clarear do dia, sabes aonde te espero. (*Sahem todos, menos José; vendo-se aquelles sumirem atraz do jardim onde apparece levantando-se de um banco o major Botelho que retira-se pela direita.*)

SCENA XIII

José, log● Dionisio e depois o caixeiro.

Jos. (*Só. Depois de abrir a porta, desce*) — Esta noite tem estado patusca em regra. Uma menina que o namorado beija, duas velhas que brigão, a patrão que não dança senão com o guarda-livros, o patrão que joga desabridamente e perde sempre e tudo mais que ha de acontecer, pois eu tenho cá para mim, que esse moço não me encarregou de balde de botar aquellas notas no bolso do patrão, outras nas gavetas e algumas trocadas pelas que cá estão. O que fôr soará!

Dio. (*que tem entrado e descido pensativo*) — O que quer este moço? Até aonde o levará seu odio?... E eu?... eu reprovando essa vingança que embora justa, não devia de ser; eu arrastado por elle, com elle completando sua obra de destruição. Ah! isto não devia... Tende piedade, Senhor Supremo! tende piedade d'essa alma que por si mesmo é arrastada ao tormento... Meu filho... meu pobre filho!...

Jos. (*que tem escutado*) — Então o senhor, é o pai do Sr. Lyncio?

Dio. (*voltando-se*) — Que dizes? Do Sr. Lyncio?! (*A' si*) Ah! é verdade, é o seu nome aqui n'esta terra. (*A José*) Não; bem vês que não poderia ser; sou unicamente um liberto da casa de seu avô. Trato-o de filho, porque os velhos escravos que embalarão seus senhoresinhos nos braços, não sei porque direito usão e abusão d'esse tratamento que não quer dizer mais que amizade. Não sabe aonde hei de ficar?

Jos. — Ficar como, aonde?

Dio. — Onde me devo esconder para assistir o fim d'este drama, de que tambem fazes parte como cumplice?

Jos. — Lá isso não quer dizer nada, ser cumplice e não saber do que. Entretanto o senhor pôde esconder-se ali ou ali, como quizer. (*Mostra as duas portas lateraes primeiras.*)

Dio. — Mas por onde ha melhor retirada?

Jos. — Por aquella (*apontando a da direita*), que junto com a janella dão para uma área.

Dio. — Bem. (*Vai esconder-se atraz da porta que está encostada.*)

CAIX. (*entrando apressado*) — José, José, onde está o Sr. commandador? Ligeiro! Quero fallar-lhe.

Jos. — Então ha alguma novidade grossa?

CAIX. — Sim, a policia foi no armazem, tirou do escriptorio um caixote, abriu e encontrou certos papeis.

Jos. — Ah! isso cheira a chamusco. (*Sahe*)

CAIX. (*calmo*) — Talvez que assim o prevenindo o negocio renda.
(*Faz signal de dinheiro e põe-se a passeiar.*)

SCENA XIV

Antonio Vasques, o caixeiro, barão de Cassarú, Luiz Corrêa, 1º e 2º bajuladores.

VASQ. (*entrando apressado*) — Então o que ha ?

CAIX. (*balbuciando*) — E', senhor commendador, que a policia...

VASQ. — A policia ! ?... Anda, falla !

CAIX. — Sim senhor, a policia foi lá em casa.

VASQ. — E deu busca ?

CAIX. — Sim senhor.

VASQ. — Entrou no escriptorio ?

CAIX. — Entrou sim senhor. (*Entrão barão, os dois bajuladores e Luiz Corrêa.*)

VASQ. — E que mais, animal ? Falla ! Depressa !... Não vês que estou perdido ?

CAIX. — Ah ! Sr. commendador, foi o diabo ; se nós soubessemos... não seria assim.

VASQ. (*em desespero*) — Assim !... assim !... assim como ?

CAIX. — Pois eu lhe conto a V. S. Entrarão e forão direitos ao escriptorio ; o proprio chefe de policia tirou de lá um caixote, mandou um meirinho abrir e zaz ! quebrarão o caixote que era de alfinetes, tirarão todos de dentro, arrancarão a folha do fundo e...

VASQ. — Basta ! basta !... Oh ! preciso salvar-me, fugir .. Elles amanhã me virão procurar.

BAR. — E porque não agora mesmo ? (*Um dos Bajuladores limpa a casaca do Barão.*)

VASQ. — Sim... talvez... Onde me irei metter ?... Em tua casa, Barão ?

BAR. (*dando-lhe as costas*) — Lá isso, não : póde me comprometter.

VASQ. — Ah ! maldictas notas falsas ! Maldicto esse desconhecido que m'as remetteu. Estou innocente.

2º BAJ. (*chegando-se*) — Fuja, quanto antes, Commendador.

VASQ. — Mas para onde ? Para onde ?... Para tua casa, sim ?

2º BAJ. — Lá não, porque não ha commodos. (*Affasta-se.*)

VASQ. — Senhores, me sirva um n'esta occasião, dê-me um conselho. Luiz soccorre-me.

1º BAJ. — Oh ! V. S....

VASQ. — Sim, dê-me um conselho!

1º BAJ. (*mostrando-lhe notas*) — Isso não tenho eu! Queria só perguntar-lhe, se estas também serão falsas? Foi as que perdeu ao jogo. (*Vai-se enchendo a scena.*)

VATQ. — Deixem-me; vocês são uns miseráveis! (*Vai a sair para o jardim onde se veem diversas pessoas.*)

BAR. — Por ahí é tarde. A casa está cercada.

SCENA XV

Os mesmos, Magdalena, Mariquinhas, os personagens anonymos, convidados, criados e depois major Botelho, Dionisio e José que apparecem na acção um momento: no final: o official e soldados de policia.

VASQ. (*voltando allucinado*) — Oh! perdido! perdido!... Me soccorrão... os senhores são meus amigos.

CRIF. (*recuando*) — Menos eu.

VASQ. — Mas que fiz eu? Que me querem esses homens da justiça? O que sou então? Algum criminoso?

BAR. — Sim! E's pas ador de moeda falsa.

TODOS. — Moeda falsa!!

VASQ. — Ah! moeda falsa... é isso! E vós, miseráveis, não sois também falsarios, que me repellis acabando de comer á minha mesa? (*Desesperado*) Sim, sou um trahidor da humanidade, um infame que tentava roubar do proximo o suor trocando papeis sem valor, pelo dinheiro que lhes tinha custado o trabalho... E' isso!... Mas tambem tu, sociedade vil! bem sabias que o homem enriquecido em um dia, toda a sua vida era um continuo crime! e vinheis me bajular, comer comigo, beber em minha casa! O que querieis de mim? protecção, dinheiro!... (*Tirando do bolso um maço de notas e arremessando contra os assistentes*) Ah! tendes! é o unico verdadeiro que me resta!... atiro-vos, como as ultimas migalhas da minha mesa.

1º BAJ. (*que tem agarrado uma nota*) — Ah! meu caro senhor, esta tambem é falsa.

VASQ. (*tomando a nota*) — Falsa, mentes! (*Olhando-a*) Ah! não. Dizes a verdade!... Mas como isto está aqui?!... Oh! por satanaz! Cavarão-me a ruina!

JOS. (*em quanto Vasques falla tem vindo pela parte de fóra, sem ser presentido, á janella da esquerda, tirado um quadro que está entre esta e a porta baixa e collocado em seu lugar o retrato de Pedro Serroño e vai-se.*)

VASQ. (*Transição*) — Mas senhores, por piedade, ajudem a me

salvar ! (*Chega-se para um e outro e todos recuão*) — Não veem que sou apenas um de graçado ? ! Não veem que sou victima de uma mão terrivel, que me arrojou no abysmo, que me quer arrastar ás galés !... Oh ! senhores ! senhores !... (*Pucha os cabellos, desesperado*) Antes a morte !... (*Repara a janella da direita, vai a ella e ao chegar apresenta-se pelo lado de fóra o major Botelho.*)

MAJ. — Por aqui não, meu caro senhor ! Sou um servidor do Estado e se quizer forçar o baluarte (*bate no peito*) bradarei as armas ! (*Entrão o official e praças da policia.*)

OFF. — O Sr. commendador Antonio Vasques ?

PED. — Eil-o : representando uma tragedia de que penso tirar partido.

CRIT. — Como é seu costume.

VASQ. (*que se tem retirado da janella recuando, apertando a cabeça com as mãos, ao ver perto de si o official de policia, brada*) — Preso ! oh ! nunca, nunca ! (*Arremeça-se sobre a porta em que está Dionisio, depara com este, dá um grito*) Ah !... o matador de onças ! Volta-se e vai arremeçar-se para a janella da direita e depara com o retrato de Pedro) Isto é uma visão ! (*Encara*) Sim, é elle ! Elle !... a victima da Grupiára !! Oh ! maldição do inferno ! Perdido, perdido... (*Deixa cahir os braços e a cabeça com esmorecimento.*)

OFF. (*A' Vasques*) — Sr. commendador, a casa está cercada, tenho ordem de prisão contra V. S. que só de manhã poderei effectuar; entretanto offereço-lhe para acompanhar-me agora evitando assim os curiosos.

VASQ. — Vamos. (*Sahe seguido do official entre as alas dos outros personagens menos Magdalena e Luiz Corrêa que se tem ido n'este momento. Dispersão.*)

SCENA XVI

Barão de Cassarú, os personagens anonymos convidados de ambos os sexos. que todos se vão indo pouco á pouco ; ficando por ultimo Mariquinhas e o Primo.

BAR. (*Depois de alguns minutos*) — Mas então, meus senhores, o que fazemos nós ainda aqui ? (*Passeia.*)

CRIT. — Estamos vendo as estrellas, d'este céu ennuveado.

PED. — Cá por mim. e tou já estudando o ultimo acto da minha tragedia. Oh ! ha de sahir uma obra prima ! (*Pensa*)

FEIA. (*para o Bobo*) — Tenha a bondade de ir buscar o meu chale, senhor Mocinho.

BOB. — Sim, D. Rosalinda. (*Sahe um instante.*)

BAR. — Acho que o melhor é irmos concluir o baile em casa.

1º BAJ. (*esfregando as mãos*) — Na casa do Sr. Barão? Bem lembrado!

2º BAJ. — Oh! V. Ex., Sr. Barão, é um cavalheiro muito amavel.

1º BAJ. — A Exm.^a Sra. Baroneza ha dé eslimar muito.

BAR. — Que estão os senhores a dizerem ali? Cada um em sua casa, ou melhor, em sua cama!

1º E 2º BAJ — Ah!... (*Dão os braços e vão sahindo.*)

PED. — Oh! que idéa... (*Bate na testa.*)

CRIT. — O que é lá isso?

PED. (*tomando-lhe o braço*) — Um grande pensamento! profundo! Eu sou um genio!

CRIT. — Da, mil e uma noites, naturalmente; Sr. Baronete. (*Vão sahindo.*)

BOB. (*chegando com o chale*) — Aqui está o seu chale. (*Feia vira-se para que elle o bote nas costas o que executa, em seguida toma-lhe o braço.*)

FEIA. — O Sr. me leva até á carruagem?

BOB. — Estou sem chapéo.

FEIA. — Não faz mal. (*Vão-se*)

BAR. (*que te n passeiado*) — O melhor é ir-me. A baroneza deve estar me esperando. E o tal marreco do commendador, que ladrão! que patife!... Mas quem o denunciaria? Aqui ha cousa. Hei de saber isto a fundo! (*Vai-se*)

SOLT. (*que tem estado conversando em voz baixa com a Pretenciosa*) — Já vio a senhora?... Nem uma lagrima ella deitou com a prisão do marido!

PRET. — Oh! moralidade!... De certo lá se foi com o tal Luizinho.

SOLT. — Mas se estão apaixonados um pelo outro?

PRET. — Eu por mim não quero saber mais de semelhante amizade.

SOLT. — Nem eu. Aqui não ponho mais os meus pés!

PRET. — Nem pensar n'isso. Ainda que o marido sahisse solto, não queria saber outra vez d'esta gente.

SOLT. — Não sahe solto, não.

PRET. — E havia de ser bonito? Porque razão?

SOLT. — Vamos-nos embora. (*Vão sahindo.*)

PRET. — Olhe ali a lambisgoia da Mariquinhas, como está derretida.

SOLT. — Aquella é outra que tal. (*Sahem.*)

MARIQ. (*sahindo com o Primo*) — E se tu me enganas, primo? Se não casas comigo?

PRIM. (*Olha para todos os lados e como não vê a quem, dá-lhe um*

beijo) — Estamos sós; oh! priminha do meu coração, como poderia te illudir? eu que te amo tanto!... (*Parando-se*) Tu me dás a madeixa de cabellos que te pedi? Sim? (*Outro beijo.*)

MARIQ. — Já tenho dado tantas provas que te quero bem!

PRIM. — Mais uma não faz mal.

MARIQ. — Ora primo, não. (*Suena.*)

SCENA XVII

Magdalena e Luiz Corrêa

MAG. (*Entra pela direita e acena para a esquerda*) — Vem. (*Desce.*)

LUIZ. (*Entrando pela esquerda*) — Magdalena!

MAG. — Luiz, estamos livres! (*Apertão as mãos com effusão.*)

LUIZ. — Sim: talvez livres do inferno, mas não do jugo social; divorciada do carrasco do lar, mas não do marido; livre perante ti mesma, mas captiva de um dominio irritante que te liga ainda ao homem, que se diz teu esposo, embora seja elle hoje um réo de crime de falsidade. Que havemos de fazer? a sociedade ainda encara o divorcio como immoral, quando elle faria hoje feliz a ti e a tantas desgraçadas que por ali vagucião. E' uma de tantas liberdades que nos rouba a religião; cedamos pois á ella, amemos-nos e que o mundo não saiba.

MAG. — Dizes bem: é precioso occultarmos nosso amor á face d'essas almas vis que não poderão crer n'esse amar puro, filho da desgraça, nascido debaixo da oppressão, como de escravos esposos nas fazendas, que distrahem as amarguras do captiveiro com os carinhos do affecto.

LUIZ. — O nosso amor não tem sido um crime; podemos mesmo dizer: são impulsos de duas almas irmãs na sensibilidade, irmãs no soffrimento, que começarão por se lastimarem e acabarão por se comprehenderem. Oh! continuemos, Magdalena; agora mais que nunca seja a honra e a tranquillidade de nossas consciencias o premio de nossa inclinação.

MAG. — Luiz, és um nobre mancebo! Amo-te mais que nunca!

LUIZ. — Obrigado, Magdalena; serei digno do teu amor! E se o céu te der a liberdade, serei teu esposo; riscarei de tua lembrança o máu tratamento de que foste victima durante cinco annos!... Podemos entretanto abraçarmos-nos como irmãos! (*Abração-se*)

SCENA XVIII

Os mesmos, Flavio James e major Botelho

FLAV. (*Fôra, gritando*) — Brenda! Brenda! Minha filha! Aonde estás, Brenda?!... E' teu pai que te chama. (*Entra em scena com algum desalinho*) Brenda! Brenda! (*Desce*) Não virão a minha Brenda, a minha filha?! Desapareceu. Ninguem me diz aonde ella está! Perguntei a todos, nenhum me respondeu! Eu sou um pobre homem, não fazem caso da pobreza! Até os criados rirão-se de mim! Outros disserão que eu estava embriagado! (*Afflicção crescente*) Mas a minha Brenda, a minha filha!... Era o unico consolo que tinha n'êsta vida! Eramos amparo mutuo! Ella morrerá se eu lhe faltar e eu, eu sem ella succumbirei!... Mas não é por mim... A minha Brenda, a minha filha, onde está? onde foi?! Digão-me. (*Pausa*) Oh! tambem não me respondem!... Não m'a occultem, tenho-a procurado por toda parte!... por toda casa!... Nada! Nada! sempre nada.

MAG. — Mas senhor Flavio... ella estava ahi!

FLAV. — Ahi... Mas aonde, pelo amor de Deus?!... Ah! D. Magdalena, é a senhora que me falla? Sim, ella é sua amiga! A senhora é generosa, me entregará minha filha! Minha Brenda!... Tenho um máu presentimento!... Mas diga, D. Magdalena: isto é uma brincadeira!... Mas Brenda, não consentirá, ella me ama muito; a senhora sabe como ella é boa!... Minha filha! Minha Brenda!... (*Subindo*) E' teu pai que te chama!... Vem, minha rica filha! Vem, Brenda!... Eu desespero! Aonde estás que não ouves minha voz e meus lamentos?!... Tenho o coração apertado de angustia!... Brenda! Brenda!

MAJ. (*que tem descido e se aproximado. Batendo-lhe no hombro, diz com seriedade e commoção*) — Não grite, senhor, ella não lhe ouvirá! A esta hora, de certo, está muito longe!

FLAV. — Quc?! O senhor a vio?...

MAJ. — Sim! Acredito agora que fosse ella. Sahu d'esta sala, d'aqui mesmo, uma moça desmaiada, nos braços de dois homens; um terceiro os acompanhava, ia triste, cabisbaixo; não o conheci, mas vi-lhe brilhar na mão um grande diamante e murmurava esse nome: Brenda!

MAG. E COR. (*a um tempo*) — Lyncio!

FLAV. (*dolorosamente*) — Não, não é Lyncio, Magdalena! E' Descio!... Minha filha, raptada! Sim, raptada! Foi elle; vingouse: reconheço em tudo isto a sua mão, mas eu era digno de piedade! Minha filha, minha Brenda, ah! pagaste por teu pai! Mas entretanto eu sou innocente! Elle enganou-se... Oh! Descio: unicamente fui um

cobarde! Atei-te no coqueiro e nada descobri porque tinha medo que me matassem! (*Meio delirante*) Ah! teu pai não me condemnaria, Descio! (*Deparando com o retrato de Pedro*) Ah! eil-o ali; Pedro, sim! és tu — Pedro! Me valerás! (*Correndo para junto do retrato*) Ah! falla, Pedro, falla; diz que estou innocente! Chama teu filho, a minha rica filha! A minha Brenda! (*Ajoelhando-se*) Tu bem sabes que eu não sou um grande criminoso!... Ah! comtudo, este pouco mesmo me perdôa! Me perdôa!... (*Baixando a cabeça*) Minha Brenda, meu anjo, meu amparo, ajoelha-te tambem onde estás; pede-lhe, — que elle era bom, o velho Garimpeiro! (*Delirante, levantando a cabeça*) Ah! mas elle me sorri! (*Levanta-se*) Sim, está sorrindo; pois não veem? Elle está sorrindo... Oh! moveu os labios... elle disse... disse... perdão! Oh! minha filha... Brenda!... Vou te buscar!... Seremos felizes... Deus é por nós! (*Quer dar um passo porém cahe nos braços do major e de Luiz Corrêa.*)

(*Cahe o panno.*)

DADOS HISTÓRICOS SOBRE A PROVÍNCIA

PROCLAMAÇÃO

Camaradas e companheiros da 1.^a brigada que tenho a gloria de comandar.

Vossa constancia na luta da liberdade tem sido á toda prova ; vosso valor nos campos de batalha tem sido o assombro de vossos inimigos. Elles fugindo sempre ante o brilho de vossas espadas ; e mesmo agora nos recolhemos de penetrar até seu acampamento, pondo-os em vergonhosa fuga : isto sempre acontecerá, enquanto animar vossos peitos o nobre orgulho de livres ; e quando temerarios ousem agredir-vos em campo raso, vós repetireis a terrivel scena do Seival. Sim, compatriotas ! escutai a linguagem franca e pura de minha alma que vos diz : tende resignação, soffrei constantes as fadigas, as privações inherentes á guerra, e a patria será salva. Não é repousado em brando leito, que se consegue a liberdade, esse dom celestial ; é sim com os sacrificios e com o soffrimento que se colhem os doces fructos que nos promette a amenidade de um paiz livre e independente. Com magoa porém me cumpre annunciar-vos, que o inclito coronel superior, na passagem do Jacuhy, sendo assaltado por todas as forças dos rebeldes, resistindo com denodo, concluidas as munições, capitulou finalmente, com a condição de entregar sua pessoa e salvar da prisão seus bravos companheiros de armas : este heróe ficou prisioneiro, e todos os seus forão salvos e hoje estão reunidos ao veterano capitão Crescencio, dispostos a libertar seu chefe ou morrer pelejando ; e á nós, briosos compatriotas, que

nos cumpre ? que sacrificio faremos para livrar nosso patricio das mãos de seus inimigos ? Abrir passagem com nossas cortantes espadas pelo meio dos esquadrões dos rebeldes até chegar ao heróe, e elle ha de ser livre e vingado. Nós, dominantes das amenas campinas da nação rio-grandense, auxiliados pelos bravos orientaes, donde nos virão todos os recursos, que nos falia para ser completo o nosso triumpho e com elle a nossa independencia ? Assegurai-me a vossa constancia e o valor que vos tem animado até aqui, que eu vos protesto que breve sereis independentes e livres, e ireis, entre os braços de vossas esposas, descansar de tantas fadigas, vanglorioso de haverdes creado uma nação.

Concidadãos ! Olhai para os nossos vizinhos orientaes, e vereis que de uma provincia fizerão uma nação hoje poderosa ; e porque ? porque pelejarão com valor, constancia e intrepidez, e um imperio forte cedulhes a palma da victoria. Não vos desalente esse pequeno revés, no circulo de tantos triumphos, e lembrai-vos que o brado da liberdade manifestado solemnemente no dia 20 de Setembro ; e o ócho sonoro da independencia que retumbou nas margens do Jaguarão no formoso dia 12 serão com força energica sustentados, e nossos vindouros bemdirão vossa obra.

Constancia, pois, briosos guardas nacionaes, e a patria será salva ; ao contrario perdemos a patria e somos victima do mais cruel despotismo. Viva a nação Rio-Grandense ! Vivão seus firmes sustentadores ! E vivão os que comigo jurão—Independencia ou morte !

Manoel Lucas d'Oliveira.

Illm. e Exm. Sr.

Pelo respectivo officio de V. Ex. estou cabalmente convicto de quanto importa á Republica, que eu persista no cargo que me foi confiado. Sim, Exm. Sr. ; não foi, nem é (nunca) minha tenção, abandonar a sagrada causa da liberdade patria, por frivolos pretextos inventados ; a causa é mui diversa, porém mais nobre e transcendente. Esta patria, mãi commum dos republicanos, tem muitos filhos, filhos dignos d'ella ; mas uns vivem em ocio no meio das delicias, enquanto outros combatem com a espada, lutando com a miseria e privações, contra o inimigo ; e estes são calumniados por aquelles, só porque não partilhão os mesmos sentimentos de molleza, etc. etc.

A patria, Exm. general, é de todos os republicanos, e não só minha, e não de poucos ; portanto devem todos servir-a. Um peso de cem arrobas, um homem custar-lhe-a a mover, mas se pegarem cem, levantão-n'o repentinamente e sem cansar.

Com magoa communico á V. Ex. que o honrado tenente-coronet Camillo dea parte de doente, segundo me affirmão, por não soffrer ladroeiras nem insultos; cujos mesmíssimos motivos me compellirão a pedir minha demissão; porém eu sobranceiro a tudo, continuo em serviço, porque palavras não me podem lesar: se verdadeiras serão em meu abono, si falsas á minha vida e serviços os desmentem. O que não posso porém soffrer, Exm. Sr., é que uns gemão, outros murmuram dos patriotas honrados, e alguns outros manchem a revolução e passem impunes entre nós, gritando ufanos: patriotismo, honra e serviços ao Estado ninguem mais que eu. E porque não partilho sentimentos nocivos á causa republicana, tratão de desacreditar-me. Hoje, Exm. general, estou resolute a sacrificar pela augusta independencia a minha saude, a minha propria existencia, se V. Ex., como confio, se digna cortar os males que tão gravemente pesão sobre nós e contra a republica

Desculpe V. Ex. alguma indiscrição que terei proferido, porém parte do zelo e desinteresse com que sirvo a republica. Deus ampare a apreciavel vida de V. Ex. para corrigir a perversos, salvando a patria. Asperesas 16 de Novembro de 1837. — Illm e Exm. Sr. Antonio de Sousa Netto, invicto general em chefe do exercito. — Manoel Lucas d'Oliveira, commandante interino da 1.^a brigada.

Campo volante em Piratiny 21 de Fevereiro de 1837.

Illm. Sr.

O Exm. coronel commandante interino do exercito d'esta republica, em attenção aos relevantes serviços prestados por V. S.^a a prol da causa da liberdade; e sendo de summa necessidade dar um regular andamento ao exercito, organisando os esquadrões de 36 filas e as companhias de 36 praças, nomeou a V. S.^a major commandante do 5.^o esquadrão, que pertence ao districto do Serrito, aonde V. S.^a tem opinião e prestigio; e como me consta vagarem por esse estado alguns cidadãos d'aquelle districto, que depois de haverem prestado innumerados serviços ao partido republicano, se evadirão para esse lugar a tomar algum descanso; portanto encarrego a V. S.^a os haja de animar e reunir com a brevidade possivel, e marche para este ponto; pois temos accordado dar um golpe decisivo nos inimigos da liberdade patria, que de sorte alguma ousão bater-se com os esquadrões dos livres;

pôr termo ás fadigas da guerra e consolidar no sa independencia.
Lanço mão d'esta oportunidade para reiterar a V. S.ª os protestos da minha estima e consideração.

Ao Sr. major Felix Vieira.

Manoel Lucas d'Oliveira.

Campo no Espirito Santo 2 de Abril de 1838.

Illm. e Exm. Sr.

Participo a V. Ex. que hontem ao amanhecer me reuni á brigada n'este ponto; e, achando-se reunidos os commandantes dos corpos, accordamos preparar 160 a 200 homens bem montados e marchar com elles o major Firmiano (oculto) para percorrer a costa do S. Gonçalo e ver se consegue dar caça em alguma partida inimiga, que por ali vague fazendo suas correrias. Nenhum movimento temos nem podemos executar presentemente senão este, pelas noticias que hontem nos trouxe o capitão João Baptista que se achava de observador na frente. Elle assegura o inimigo ter-se retirado, depois de apri-ionar os dois Barbozas, e que só existia em Pelotas uma pequena partida.

O inimigo, combinando nós sua força e planos, não tem outro movimento a fazer do que correrias; e estas é da maneira que as podemos evitar; mesmo por não nos ser possível manobrar com toda a brigada pela falta de cavallos e armamento: estes mesmos que vão montados são de individuos que promptamente emprestarão.

No official que vai commandando o contingente temos a mais inteira confiança; e d'este movimento quando não colhamos bom resultado, máu é impossivel pela confiança na força e seus officiaes. Hoje expedi tres espias de confiança para vigiar sobre o inimigo; e eu marcho com duzentos homens para encobrir a marcha do destacamento e protegê-lo em caso preciso.

O tenente-coronel Camillo ainda não está reunido a esta brigada, mas hoje ou amanhã vou comvosco. Do Arroio Grande nada veio de novo, senão uma carta que envio a V. Ex. Reitero quanto disse a V.

Ex. em officio de 30 do preterito. Nada mais tenho presente a participar a V. Ex. a quem Deus guarde como a patria exige.

Illm. e Exm. Sr. general Bento Gonçalves da Silva, presidente da republica.

Oliveira.

Nota.—● movimento vai executar-se amanhã á noite se V. Ex. não ordenar o contrario.

Caçapava 23 de Fevereiro de 1840.

Patricio e amigo Lucas.

Só hoje posso responder ás suas apreciaveis de 25 e 28 do passado: espero que o meu amigo não attribua á falta de amizade, pois seria n'isso comigo injusto. Agradeço mui cordialmente as noticias que me dá dos nossos inimigos; bem como a confiança e amizade com que me honra e a que eu saberei sempre retribuir como devo.

Em conselho de ministros apresentei a materia de sua carta de 28, sem todavia deixar perceber o conducto pelo qual taes noticias haviam chegado ao meu conhecimento. Igualmente expuz n'essa occasião o escandalo, com que se illudião as ordens do governo sobre a fiscalisação dos direitos dos gados exportados (do que fôra informado por uma carta sua escripta a seu compadre Polvadeira.) Tratou-se seriamente do objecto, e, não obstante reconhecer-se ser duro cobrar-se direitos de generos importados propriamente para consumo das familias, assentou-se todavia que a tomar-se a providencia exigida, se abriria a porta a mil abusos, que assás de falcarião as poucas rendas que temos para fazer face ás despesas da guerra. Sim, meu amigo, a passar esse precedente todos quantos generos se introduzissem para negocio, entrarião a titulo de encomendados por taes e taes individuos para seu uso; e assim não veriamos mais um vintem de direitos de importação. Bem sei que pesando em geral os direitos sobre os consumidores não são os importadores que o pagão e sim nossos amigos e patricios que lhes comprão os generos por d'elles necessitarem. Mas sendo certo que os rendimentos de exportação não bastão para fazer face ás nossas despesas forçoso é continuar esse mal até que nossa assembléa, prestes a reunir-se, providencie a respeito. A fazer-se essa excepção em favor

dos habitantes de Pelotas, deveria ella estender-se aos demais pontos que estão no mesmo caso como todas as immedições de Porto Alegre, Norte, etc ; mas n'esse caso se resentirão em extremo nossas rendas ; e eu não ousou por isso dar esse passo : á nossa assembléa que o dê, e que conheção nossos patricios os beneficios que lhes resultão d'esse corpo respeitavel.

Quanto ao contrabando de gados, se expedirão as necessarias ordens e vierão os conhecimentos que junto lhe envio : espero que sobre isto me diga francamente o que souber ; bem como que continue a coadjuvar-me com suas reflexões, que serão sempre por mim apreciadas.

A pressa me não permite ser mais extenso ; e por isso termino assegurando-o da sincera e cordial amizade, que lhe tributa

Seu verdadeiro amigo e patricio

José Mariano de Mattos.

P. S — Recommende-me a nossos antigos companheiros d'armas.

Ilm. Sr. tenente-coronel Manoel Lucas d'Oliveira.

Como tenho portador para esse lugar, não posso perder a occasião de lhe dar noticias minhas, pois aqui me acho policiando esta cidade ; entretanto desejo que V. S.^a quando precise de alguma cousa d'este lugar pôde mandar com franqueza a este seu amigo, que jamais esquecerá da memoria os attenciosos obsequios de que lhe é obrigado. Noticias tendentes aos imperiaes dizem que por estes tres ou quatro dias vem occupar esta cidade, e que vem o general Valente com as infantarias, as quaes já estão muito proximas a este ponto, porém as cavallarias dizem que ainda não vierão de Rio Pardo. O que corre com certeza é que no fim do corrente fechão-se as communicações por mar por um decreto do imperio.

Meu amigo dispense estas faltas e disponha da vontade de seu fiel amigo e obrigado

Gabriel Ferreira.

Cidade de Pelotas 15 de Novembro de 1841.

Exm. Ministro.

Tendo-vos officiado a 13 do corrente acerca da minha resolução, como estareis certificado; no dia 14 puz-me em marcha, expedindo o major Motta com o corpo de seu commando á S. Gabriel para proceder a conveniente reunião d'elle; e o caudilho Bento Manoel me acompanhando de Ponche Verde a Uparacahy, tive de passar o Ibicuhy no Passo do Placido Severo, estando elle no fundo do campo do Brigadeiro. De D. Pedrito fiz seguir o general João Antonio com a divisão a seu mando para operar sobre o municipio de Missões, tendo a respeito me communicado a 20 d'este, ficaria a 21 alem de Ibiquiguassú. Assim pois tenho continuado as minhas marchas, e posto aquelle caudilho emprehesse o rumo de Alegrete, talvez insciente de nosso destino certo, pela rapidez com que se effectuou a dita expedição: contudo, á vista da parte hontem recebida de meus descobridores, sou informado de sua contramarcha, ficando hontem na estancia de Manoel Lourenço.

Asseverão-me pessoas chegadas de S. Gabriel ter Caxias ali chegado com o de-ignio de marchar a Alegrete; hoje espero noticias de meus descobridores existentes no Passo do Rosario. Si projectarem com afinco perseguir-me, farei todo o possivel para me defender, até que se reali-e a operação do general Silveira, chamando a attenção do inimigo sobre um e outro lugar, que as circumstancias permittirem facilitar a junção d'aquella divisão, embora sem a indispensavel munição para arrostar um combate campal. Encarreguei ao tenente-coronel Ourique a compra de alguma munição e mais generos bellicos, para o que fiz ha dias seguir para a Cachoeira na esperança de conseguir alguma, pois muito nos é urgente, mormente com a força dividida em divisões como se acha sem obter-se um resultado, como se aguardava, pela improficua realidade de sua junção.

Deus vos guarde.

Ao cidadão tenente-coronel Manoel Lucas de Oliveira. secretario d'Estado dos negocios da guerra.

David Canabarro.

Cidadão Ministro.

Entregue de vosso officio acompanhado de outro dos cidadãos Severino Antonio da Silveira e José Pedroso de Albuquerque, aquelle de 24 do passado e este de 2 do corrente, em que no primeiro me participaes que a resolução do governo acerca da machiavelica mediação de paz do fementido barão de Caxias, e o segundo em que me communicão ter este respondido que á vista da decisão do governo era para elle assumpto concluido o pretendido negocio, tendo por conseguinte de me congratular com o mesmo pela acertada resposta, digna sem duvida do nome rio-grandense.

Deus vos guardo.

Quartel-general no Passo do Serrito em Ibirapuitan 28 de Dezembro de 1743.

Ao cidadão ministro da guerra Manoel Lucas d'Oliveira.

David Canabarro.

CLOTARA

Na face a côr do jambo, os labios roseos,
Olhos grandes e vivos, scintillantes,
Porte elegante e bem nutrido o corpo,
Flexiveis os membros.

A veste perfumada as formas mostra,
No donaire gentil, as mais mimosas ;
Abundante de graça e terno enleio
Su'alma nos fascina.

Inflammada de amor seu seio argueija,
Palpita o coração no ardente anheio,
E seus labios exprimem quanto sente
Em delirios seu peito.

Si na calma do lar sondaes-lhe a mente,
Vereis transparecer-lhe a razão clara ;
E sincera e fiel, bondosa e grata,
Vos dar dos céus a copia.

Nobreza de desejo, anhelos santos,
Inimitavel coração, angelico ;
Não tem da virgem odorosas flores,
Mas é virgem su'alma.

Tal é Clotara, a feiticeira fada,
Rica de amor, sympathica creança;
Que meus dias ornou de vivos gozos
Dos prazeres mais doces !

Porto Alegre 27 de Maio de 1840.

DR. CALDRE E FIAO.

A ESCOLA

Nos toscos bancos da modesta escola,
A nova geração que se levanta,
Ainda não contaminada pelo vicio,
Quer de luz inundar o seu espirito,
— Lamina scintillante onde se gravão
Eternamente as impressões mais santas
D'essa quadra d'amor e de sorrisos
Que bem cedo se esvae nas negras dobras
Do ingrato tempo, como a nuvem branca
Que desaparece do horisonte na penumbra
E só deixa de si triste lembrança.

Oh ! infancia, correi pressurosa
Aos toscos bancos da modesta escola,
Ali é a officina do trabalho
E' o cadinho aureo onde o talento
Se depura e se amolda ás exigencias
Da mão sublime do inspirado artista ;
Ali n'aquelle espaço tão pequeno
Entre aquellas paredes tão singelas
O embryão do futuro refolega,
Palpita o coração da nossa pátria,
Ali soletra a infancia entre sorrisos
As lettras luminosas que fulgurão
No portico gigante do futuro.

Oh ! bemdicta a infancia que trabalha !...
Bemdicta a escola que a instrucção derrama !...
Bemdicta a escola essa officina augusta,
Onde se fundem os brazões da patria
E donde saem os obreiros nobres
Que amanhã hão de erguer eril columna
De capitel doirado, em que se eleve,
Aos fulgores do sol da liberdade,
Fluctuando em largas e reluzentes dobras
O pavilhão soberbo do Cruzeiro
Como um signo de paz e de esperanza.

Oh ! infancia — porvir de minha patria
Correi, correi a escola pressurosa...
E' esse o templo santo em que se adora
O Deus d'amor, a patria e a liberdade.

MANFREDO.

PYRILAMPOS

A MINHA VISINHA

Ha naturezas cinzeladas pelo céu, que
não se contorcem em horriveis crispações,
quando as cinge a serpe do soffrimento;
pelo contrario parecem mais meigas e
divinas, mais santas e puras: — sahem
da provança, como a salamandra do in-
cendio, — como a aventurina das mãos
do lapidario.

(IRIEMA — Paysagens.)

E' uma moça doente
Aquella minha visinha
Que eu vejo sempre á tardinha
Scismando languidamente...

Com as madeixas cahidas
Conserva-se na janella
Horas e horas
A contemplar uma estrella

Oh ! como eu tenho vontade
De ser o astro fulgente
Que o seu olhar innocente
Contempla na immensidade !

E vejo-a sempre scismando
Scismando sem dizer nada...
— Aca-o será lembrando
Alguma historia encantada ?

Ou pensa... talvez... quem sabe ?
Que a sua fronte adorada
Na sepultura gelada
Em pouco tempo desabe ?...

Si vóa um passaro rente,
Rente dos nossos telhados,
O seguem no ambiente
Os seus olhares cansados...

Eu, a principio, julgara
Que aquella sua tristeza
De algum amor com certeza
Secretamente emanara...

Porém, estando outro dia
Na minha sala escrevendo,
Notei que a pobre to sia...
E sempre, e sempre cosendo !...

Além d'isso, um primo d'*ella*,
Fallando-se a seu respeito,
Me disse soffrer do peito
Aquella moça tão bella !

Coitada, na flor dos annos
— Na primavera da vida —
Ao peso dos deenganos
Já tem a fronte abatida !...

E' uma moça doente
Aquella minha vizinha
Que eu vejo sempre é tardinha
Scismando tão tristemente !...

Dezembro — 75.

MUCIO TEIXEIRA.

EM VÃO

Quando contemplo á tarde
O sol que de fallece
Além sobre as montanhas
Em rubidos clarões...
E a brisa enamorada
Gemendo entre a folhagem
Accorda um som agreste
De amigas senações:

Então relembro as scenas
De grato encantamento
Que ao lado teu contente
O coração fruiu !
Aquelles sonhos vagos,
De amor, de paz, enleio,
Da luz d'esses teus olhos
Que a rebrilhar... fugio !

Em vão, na mente escura
Revolvo do passado
As traças de minh'alma
Delicias d'este amor ;
Instantes que a teu lado
Correrão pressurosos,
Inventos de tristeza,
Sem sombras de uma dor !

Em vão... Das alvoradas
Não pôde o pranto amigo
Dar vida á flor agreste
Que á mente feneceu ;
Em vão, em vão procuro
Volver á phantasia
Memorias de uma vida
Que lampejou... morreu !

Suavissima esperança
Banhada ao sol das creanças,
Strophes de minh'alma
Que ao lado teu compuz ;
Tudo passou qual sombra
Confusa em craneo enfermo,
Na febre do delirio
Banhada em muita luz !

E tu, quando revives
No prisma da saudade,
As seismas languorosas,
Os sonhos teus em fim ;
Deixa qua o pranto amigo
Te banhe a fronte esquiva
Lembrando-te o passado,
Fallando-te de mim !

Porto Alegre 25 de Outubro de 1875.

Bras de Tarian.
TANCREDO.